

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 15, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e summas
antes : em Portugal ao sr. David Corazzi, 42, rua
da Atalaya, LISBOA; e no Brazil ao sr. José de
Mello, 36, rua da Quitanda, RIO DE JANEIRO.
Preço da numerô 2 Paris, 1 franc.

7.º ANNO. — VOLUME VII. — Nº. 8

PARIS, 5 DE MAIO DE 1890

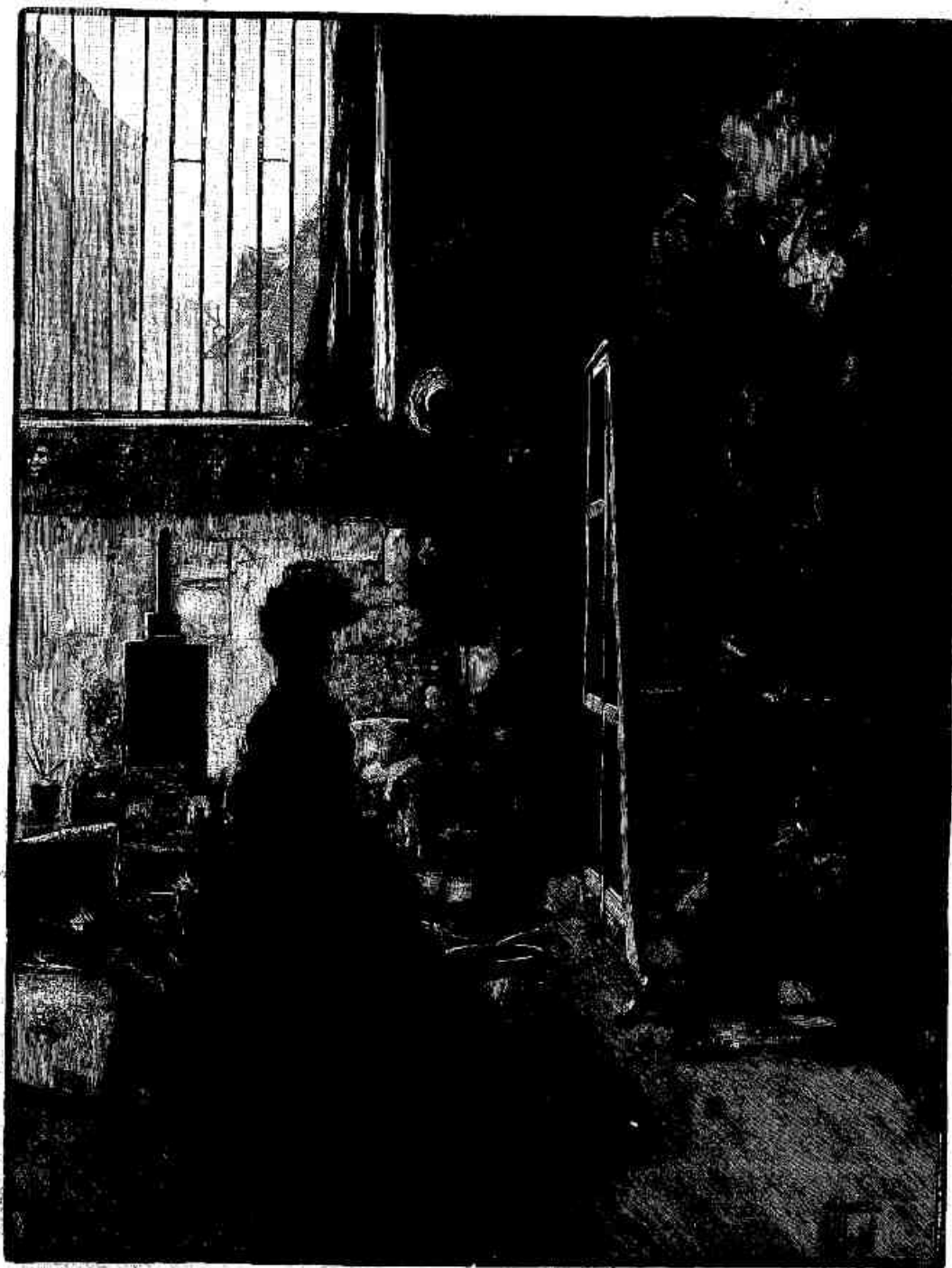
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS

ANNO.....	2.400 REIS
SEMESTRAL.....	1.200 —
TRIMESTRAL.....	600 —
AVULSO.....	100 —



PARIS ARTISTICO. — NAS VESPERAS DO SALON.

(Desenho de Vogel).

MARIANO PINA cumpre o doloroso dever de participar aos seus leitores, que foi Deus servido chamal-o para o doloroso caminho da política, no dia 3 de maio de 1890 — pondo á venda o 1.º numero d'um pamphletto semanal, intitulado **O ESPECTRO**.

E pede a todos os seus estimados leitores se dignem lê-lo, e ruegem a Deus e a este Governo pela paz do seu corpo, para que o livrem das torturas consignadas na lei de 8 de abril de 1890.

Não lhes dá mais explicações pelo estado de conservação em que se acha.

CHRONICA

OARISTOS

TAL é o titulo d'um volume de versos *decadentes* que acaba de me enviar de Coimbra um moço poeta, Eugénio de Castro.

Portugal contava os poetas *lyricos*, os *romanticos*, os *parnasianos*, os *realistas*, os *saturnicos*; só lhe faltava, como ha em Paris, nas alturas do Montmartre, os *decadentes*. Agora já tem *decadentes*, graças ao sr. Eugénio de Castro, emquanto não chegar a vez a um outro inovador de vir separar este grupo em dois — *decadentes* ou conservadores; *symbolistas* ou radicais.

Deus do céu! que nem o sr. Eugénio de Castro é capaz de calcular que amargos de bocca se está preparando para a sua velhice poetica!

No mundo — na triste bola que habitamos — é verdade que tudo envelhece, que tudo se transforma... Não a Poesia, mas os meios de locumação; não a Arte, mas o chapéu alto.

Conhecem algum objecto que á primeira vista nos pareça mais difficil de reforma e modas, como este lúsidio e negro canudo de pelo de coelho, que a esthetica chapeleira do seculo XIX descobriu como sendo o mais bello ornamento do sexo masculino?... Pois — quem tal diria! — não ha canudo que mais se transforme, ao qual a moda imprima todos os dias mais formas diferentes...

Assim ás vezes a Arte, assim ás vezes a Poesia — quando a pretexto de inovação, os inovadores lhe querem dar um novo caracter, o que elles chamam « uma nova direcção ». Que o sr. Eugénio de Castro vá tomando as suas precauções. D'aqui a 20 annos, se elle se apêga de mais ao *decadentismo*, o Diabo da moda faz-lhe pirraças, e o joven revolucionario de go virá a ser um conservador rabujento, no genero do sr. Luiz Palmelrin e do sr. Bulhão Pato.

Acautele-se, sr. Eugénio, acautele-se! O *decadentismo* ha de-lhe trazer desgostos. A moda ha de passar, e só ficará o que se chama simplesmente, chamente, a Poesia — que é a musica por meio da qual o poeta nos encanta e nos deslumbra com as impressões do seu sentir e do seu sonhar.

Não lhe offereço esta chôcha definição como coisa de valia. E' o que vem a correr aos bicos da penna, sem maiores rodeios de esthetica e de palavrado critico.

Em primeiro lugar este livro de versos mandá-nos ir ao dicionario, logo por causa do titulo, *Oaristos*? — que diabo é, ou são, *oaristos*?... E o meu dicionario, que eu considerava como fonte inexgotavel do mais imprevisito palavrado, nada me diz sobre *oaristos*. De *oanass*, tambem chamado *coqueiro-onnacu-cunud*, salta logo o meu tira-teimas para *oasiano*. E quanto a *oaristos* — moita!

No fim do prologo cita-nos o sr. Eugénio de Castro um pensamento confuso, enovado e complicado, do assaz confuso Verlaine, e onde vem a palavra *oaristys*.

Bem! cá temos um indicio! Vamos ao francez...

E corro ao meu pequeno Larousse, e por mais que folheie, e por mais que procure no dictionario da lingua, e no dictionario historico, geographico, artistico, litterario, bibliographico e mythologico — nada de *oaristys*! Nem antes de *oasis*, nem antes de *oaxaca*.

Decididamente, os *decadentes* querem mangar com a humanidade!

No *Oaristos* o que eu mais temo para o seu auctor é o prologo.

Ah! os prologos dos inovadores e dos revolucionarios! Que desgostos que elles estão architectando com taes gritos de guerra! Para que, por causa d'umas rimas que não fazem mal a ninguem, e d'uns pobres lugares communs que nem mesmo atordoad a grammatica, haveis de vos armar de ponto em branco, Dons Quixotes da Poesia, e avançar para inoffensivos rebanhos de carneiros — ou, o que é mais perigoso, arremetter com os moinhos onde haveis, mais cedo ou mais tarde, de quehrar vossos preciosos costados?

O nosso poeta não quer o « alexandrino com cesura immutavel na sexta syllaba ». O nosso poeta (com P grande, se faz favor) quer os alexandrinos com a *cesura deslocada* e até alexandrinos sem cesura.

E que temos nós com isto?... Que tem a critica com o pintor que prefere a espátula ao pincel, como fazia Courbet com as suas payssagens; ou o pincel á espátula, como faz a maioria?... Que tem a critica com que o escultor prefira a cera ao barro, ou o bronze ao marmore? Que tem o gastronomo com que a cozinheira bata os ovos cá fóra para fazer uns ovos mexidos, ou bata os ovos dentro da frigideira?...

O essencial é que a obra d'Arte represente um temperamento, uma originalidade, dando-nos alguma coisa nova, imprevisita, seductora. O essencial é que os ovos satisfaçam golosamente ao nosso paladar!

Perdê-me o poeta que eu desça em linguagem tão rasteira e tão pouco *decadente*, a observações tão prosaicas. Mas gosto que todos quantos me lêem me entendam, e possam ajunizar sem esforço do que sinto e procuro exprimir. É por isso que nunca praticaria o crime de offerecer aos leitores da *ILUSTRAÇÃO* uma chronica intitulada: *Oaristos* — se não fosse a muita sympathia que tenho por Eugénio de Castro.

Um erro do seu prologo, meu caro poeta.

Eugénio de Castro querendo citar uma phrase de Musset, que anda sempre errada na memoria de muita gente portugueza, escreve: *Mon verre est petit, mais je bois dans mon verre*.

Ora melhor fóra que o sr. Eugénio de Castro meditasse mais Musset do que Verlaine, e o lesse com mais um bocadinho de attenção, para não errar quando o cita. A famosa phrase é assim no original: — *Mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre*.

Passemos agora aos versos do nosso estimavel *decadente*.

Abre o livro com os amores do poeta, com a Ella que o traz pelo beico, desde o dia em que A viu

... surgiu triumphalmente fria
Gracil como uma flor, triste como um gemido,

O que fez tal impressão ao poeta, em cujo peito por esses tempos reinava a fria indiferen-

ça, tempos em que lhe tinha *descarrilado o wagon dos seus sonhos*, e a que elle de *ninguém tinha dó e de ninguém tinha inveja*, e a que os seus dias eram *mais, longuissimos, tristonhos* — que ao vê-la *triumphalmente fria*, assim exclama:

Meu peito recobrou o seu vigor perdido
Todo eu era contente e alegre como um rei.

É o que os namorados portuguezes costumam exprimir d'este modo, menos *decadente*, mas não menos exacto: — « Ver-te e amar-te foi obra d'um momento! »

E porque é que o peito do sr. Eugénio de Castro *recobrou o seu vigor perdido*, e porque é que o *wagon dos seus sonhos* tornou a encarrilhar?...

Porque:

... a grande Flor passava, imperturbavelmente
Com seu rosto mutante, e o seu olhar albenic,
Hieratica lembrando as mysticas imagens

Porque era uma:

Creatura esphyngia, triste como Artemisa,
Vingativa, feroz e linda como Phasis,
Flor cujo corpo é o aprinho oasis

Porque:

Flexivel como um junco e esvelto como um fusco
Seu mobil corpo tem, n'um dualismo confuso,
A fúria do lynx e o garbo das serpentes

Porque a sua imagem é:

Leve tão leve como os perfumes e o som

Porque o:

Franzino e original seu corpo é um moringue

Porque a:

Sua desahellada e lúescente voz
É um fio de vultado, um suavissimo oleo

Porque o:

Seu halito é um philtre intenso que embalsama,
Subtil como o ananaz, forte como um veneno

Porque o:

Seu piscoço sem par é um cortico moreno
Que os meus desejos vão circumdando em colabela

Porque:

Tem musica no andar quando á tarde passala
No seu alto bailão lúdrilado em losango.

Porque:

A sua bocca é um sorvete de morango

Porque o:

Seu gesto excede em graça as larvas dos paodes
Que em curvos vôos vão virando á flôr dos pantanos.
Tem as unhas de opala.

O seu riso quebranta-nos,

Vibrante de coral.

Seus ciffos são de seda.

Seu capcioso olhar é um vinho que embebeda,
Sens negros olhos são duas auroras negras!

E finalmente — oh irresistivel encanto da Bem-amada! — porque Ella:

Corta as unhas em bico á guisa de punhes:
Para as roçar depois em sedas e metaes.

É o poeta exclama, explue, arrebeta, apoleptico de paixão e de enthusiasmo!

— Chega mesmo a morder pedacos de vultado!

Já é!...

Como estamos longe e bem longe, como estamos separados não *trez*, mas *trinta* seculos, dos bons tempos em que o simples vestido branco de Joanna, de Joanna que

Fermosa bem parecia
Aos olhos de quem na olhava

em que o simples facto de Joanna soltar os seus cabellos

Que eram tão longos como ella

e mais de descalçar as çapatas; e de erguer as abas; e de ordenar entrar pol'agua, era o bastante para Joanna logo entrar

E a Jano pelo coração!

Bons tempos de Bernardim Ribeiro! Como estas explosões d'amor, provocadas por um simples erguer de abas e descalçar de çapatas, são já difficeis de comprehender de nossos dias decadentes!

Como estamos longe d'esses outros tempos em que os poetas não eram menos apaixonados por se exprimirem assim:

Onduados fios de ouro, onde enlaidado
Continuamente tenho o pensamento,
Que quanto mais vos solta o fresco vento
Mais preso fico emão de meu cuidado!

(Caxias)

Tudo progridio e tudo se quinta-essenciou n'este raio de seculo de brie-d-brac, decadentismo e pastilhas Gérardel.

Quem fosse lamentar-se a um poeta dos nossos dias, e lhe dissesse como Jano:

Meus cuidados não entendo
Morro-me assim de cuidados!

E o poeta lhe perguntasse:

— « E porquê meu amigo?... »

E Jano lhe respondesse:

— « Porque vi Joanna na ribeira do Tejo guardando patas e colhendo flores » podia estar certo de que o poeta decadente o havia de correr a pau!

As mulheres de agora, para acenderem paixões, precisam de se recomendar por dotes terríveis e imprevisos, de corpo e de espirito... Como eram mais felizes as mulheres do tempo de Catharina, que só porque era *dina* e porque Persio viu seus olhos, o gado de Persio pastor começou a emmagrecer, por Persio nunca mais curar d'elle!

Pobres mulheres inspiradoras de poetas decadentes! Como eu vos lamento! Lembraes-me creaturas sahidas do inferno chinês — com o vosso garbo de serpentes, o vosso corpo de moringue, o vosso halito forte como um veneno, o vosso andar que mais parece uma caixa de musica, o vosso gesto de larvas de panes, a vossa bocca de belladona e de coral, e os vossos caprichos hystericos que vos dão para morder pedacos de velludo!

Oh! os horribéis monstrosinhos! Como eu vos detesto, abortos! E como eu vos admiro, poetas que sois capazes de sonhar e de amar, iguaes phenomenos de hospital!...

Soccorro! Bernardim Ribeiro! Soccorro! Luiz de Camões!

Os teus descendentes estão doidos!...

Perdõe-me Eugénio de Castro este grito de horror, e esta invocação do passado... Mas a sua poesia, meu caro Eugénio, afflige-me e tortura-me, pelo torcido, arrebicado, repenicado, espremidido, comprimido, esticado, esprevidado, torturado, enforcado, guilhotinado, de todos aquelles versos!

Não. E' impossivel que a Poesia, a verdadeira poesia, ou seja com P grande ou P pequeno, seja esta engasgada *chinezica* que o meu amigo nos quer fazer admirar á força. Se é — não tenho vergonha em confessar a minha ignorancia e o meu mau gosto de prosador, dizendo-lhe que a odeio.

Aquelle grande poeta que ao ler as poesias que o meu amigo diz que inutilizou, quando acordou para o *decadentismo*, e que de si escreveu:

« Tem phantasia, coração sensível

E, apesar de baixinho, ergue-se no nível

Do mais d'um escriptor, que em verso e em rima

Ahí cultivava a lingua com primor » —

O ESPECTRO

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

POA

MARIANO PINA

A lei de 8 de abril de 1890, que hoje em Portugal fiscalisa e castiga os chamados delictos d'imprensa, não permite ao nosso Director — sem graves riscos de processo para a nossa revista, e mesmo de interdição em Portugal — que elle critique os gravissimos acontecimentos que se teem dado e que desgraçadamente se continuarão a dar na politica portugueza.

Para que a influencia artistica e litteraria que a *ILUSTRAÇÃO* tem exercido em Portugal não soffra com alguma critica justa e severa do nosso Director a algum sr. Ministro da corôa — Mariano Pina resolveu não tratar na *ILUSTRAÇÃO* assumptos de politica militante. E para ter mais larga independencia de critica e de palavra, para poder combater corajosamente por todos os principios de Liberdade e de Justiça que sempre teem sido a sua divisa — acaba de emprehender a publicação d'um pamphlete semanal, intitulado o **Espectro**.

Este titulo que nas mãos de Antonio Rodrigues Samraio, o velho e glorioso liberal, foi o signal para a lucta da Liberdade contra a Oppressão — é o mesmo que Mariano Pina hoje retoma para a campanha politica que vae emprehender.

Os leitores da *ILUSTRAÇÃO* conhecem de sobejo a crueza de critica do nosso Director, para facilmente calcularem quanto será picante a leitura semanal do **Espectro**.

O **Espectro** é posto á venda todos os sabbados. O 1.º numero sahio no dia 3 de maio corrente. É um folheto de 16 paginas, formato de livro, onde serão archivadas todas as semanas as cabriolas e palhaçadas da nossa triste politica. Cada numero custa 50 reis.

O **Espectro** é editado pela Livraria Civilisação, 4, rua de Santo Ildefonso, Porto. Para esta casa devem ser dirigidos todos os pedidos de assignaturas, ou para a sua Filial em Lisboa, travessa de Santa Justa, 65.

O preço da assignatura do **Espectro** é o seguinte: — Anuo, 2.400 reis. — Semestre, 1.200 reis. — Trimestre, 600 reis. — Mez, 200 reis.

Os leitores da *ILUSTRAÇÃO* que ha sete annos seguem com tanto interesse os estudos criticos e litterarios de Mariano Pina, não deixarão de assignar para o **Espectro**, onde verão castigados os grandes ridiculos e os ridiculos tyrannos da politica portugueza.

O **Espectro** promette ser fallado. E como as edições são limitadas, o melhor é os nossos assignantes tomarem assignaturas de mez ou trimestre, para assim terem a certeza de que não deixarão de ler um só numero.

aquelle grande poeta que assignou a *Flôres do Campo* e as *Folhas soltas*:

— Encolhe os azas, que te abrasas, louca!
O fogo mata a quem o greo, atende;
Fogo e, se a vida te aborrece, estende
Um braço aos anjos, que a distancia é pouca! —
(João de Deus)

aquelle grande poeta que é hoje, em fins do seculo XIX, o glorioso herdeiro da mesma musa que inspirou Bernardim Ribeiro e Camões — é impossivel que applauda o caminho, o genero, o *feito*, que deseja seguir no *Oaristos*

Seja natural, pelo amor de Deus, seja natural! A sua Musa subio para o Parnaso contrafeita, calçada á chinezica, com o espartilho muito apertado... Ponha a sua Musa á vontade, Eugénio de Castro!

Mande Verlaine, com todas as suas phantasias macabras, de presente ao diabo. Deixe-o em paz com os noveiros, e as torturas, e as hallucinações do inferno parisiense.

E o meu amigo, que é do paiz do sol e do azul, e que dam as suas poesias dos « saudosos campos do Mondego », de ao pé d'aquella « fresca fonte » que

regua as flores,
Que lagrimas são o agua, e o nome amores,

deixe em paz decadentes e symbolistas, e peça a Camões e a João de Deus a simplicidade, a harmonia, o encanto, a ingenuidade, que fazem dos seus versos — versos immortaes!

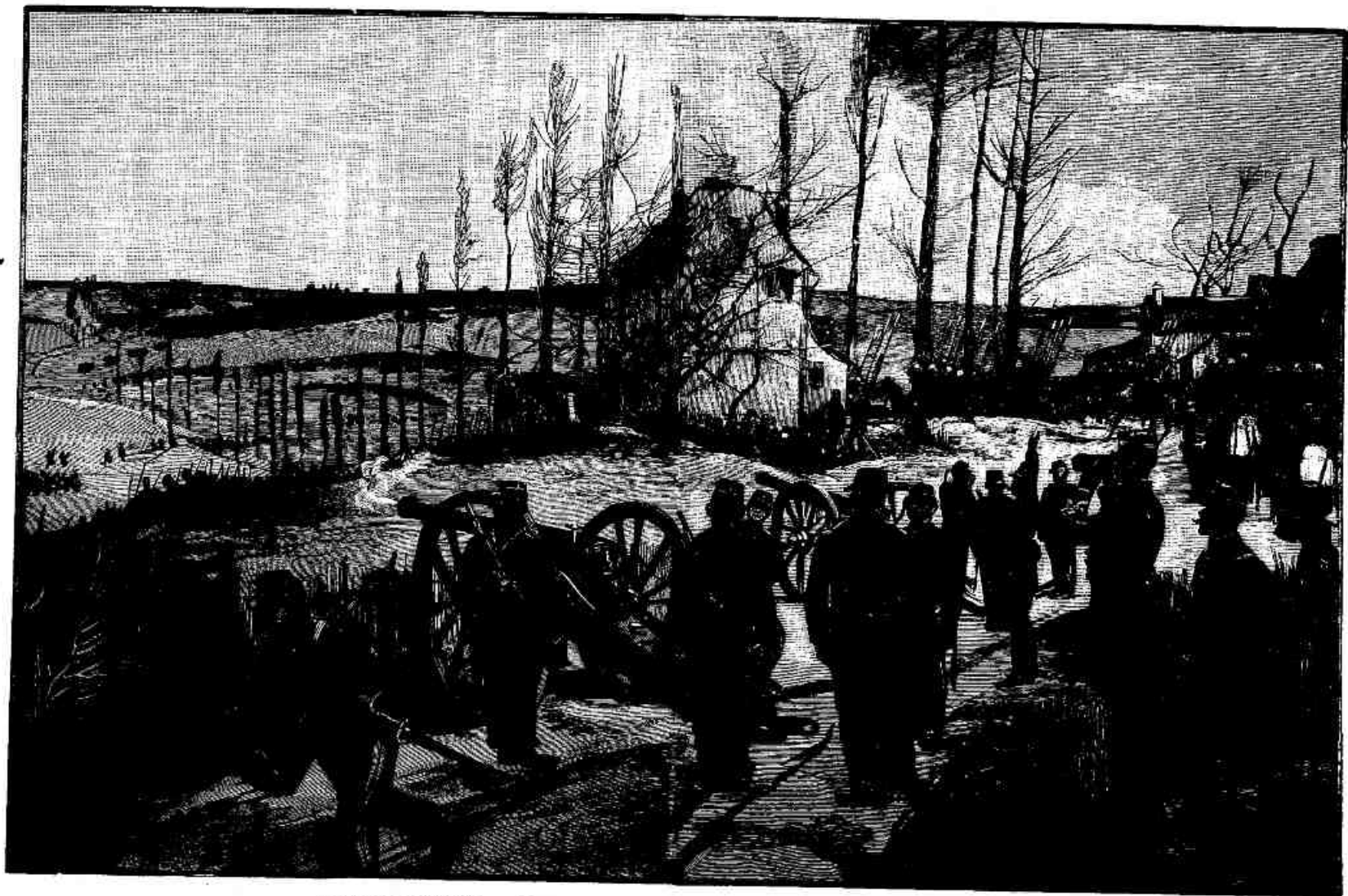
Não será um crime de lesa-poesia preferir mestre Verlaine a estes dois mestres?...

Aquelle que se chamava Sainte-Beuve, cujos volumes são hoje preciosos armazens d'ideias, onde se fornecem os mais modernos criticos litterarios, como Bourget e Jules Lemaitre — aquelle que se chamava Sainte-Beuve, traçando o perfil do curioso poeta Hégésippe Moreau, disse o seguinte dos poetas:

« São uma raça á parte, uma raça das mais interessantes quando é sincera, quando a ella não andam ligadas (como succede tantas vezes) a imitação e a macaquice. »

A observação é digna de ser meditada, porque é a observação d'um vidente litterario. No seu tempo apenas se descobria a macaquice (que mais tarde se tornou furiosa) do genero *baudelaireano*. Que diria Sainte-Beuve se tivesse vivido mais 30 annos, para assistir agora aos destroços do *decadentismo* — elle que tanto amava a Poesia?...

Que diria este amante da Poesia se lesse os



EXERCITO FRANCEZ. — MANOBRAS EXECUTADAS COM A POLVORA SEM FUMO. — UM TIRO DE PEÇA.



0 EXPLORER STANLEY.

poetas decadentes, elle que só considerava verdadeiro Poeta o artista que possuísse estas tres qualidades: — o coração, imaginação e estylo?... Suicidava-se!...

Não me leve a mal, Eugénio de Castro, a brutal franqueza com que assim lhe falto de Poesia, de Poetas e do seu *Oaristos*.

Se assim o faço, é porque muito próximo as manifestações do seu talento, e porque o sei capaz de tirar para longe com processos, escolas, inovações — *singeries*, como lhes chama Sainte-Beuve — e de ser sincero, puramente sincero, capaz de ser um bello poeta pelo coração, pela imaginação e pelo estylo, sem precisar de Monsieur Verlaine para o alumiar pelo caminho.

Tenho d'isso a certeza. Quem escreveu este soneto:

Sauda o Oiro e Lazo! A Primavera
Interminavel! Viagens! Dias lentos!
Inércia e Oiro! O nome na quatro ventos!
Noites mornas d'amor! — Tal a Chinês.

A Sombra! A falta d'Oiro que lacera,
E da mulher em fillos juramentos!
Correr mappas! Rocioz sacramentos!
— O' mãe-Vida, o teu seio é de panthea!

Eonhamas sempre um sonho vago e alúbio!
Com o Azar vivemas em contubio,
E, apesar d'isso, a *ALMA* continúa

A sonhar a Ventura! — Sonho vido!
Tal um infante, com a rosa mão,
Quer agarrar a levantina LULA!

Quem escreveu estas quadras:

Ave! trigueira claudenosa o triste,
Cheia de graça e de frescor sem pur,
Bemido seja o barco em que dormiste
E os peitos que te detem de murmurar!

Como uma chammya curula entre brazas,
Como uma tulipa entre malmequeres,
Como uma torre entre pequenas casas,
Bemido seja tu entre as mulheres!

Corpo virgino, tu que és a mea neglúbia,
Tu que eu hei de violar um dia entre
Beijos tão claros como um sol de julho,
Bemido seja o fructo do teu ventre!

Dêce Refugio, dêce Inspiradoro,
O meu trigueiro e mystico cyclamen,
Oge-me com teu negro Olhar, agora
E na hora da minha morte. Ainei!

Quem escreve d'estes versos, quem escreve o *Oaristos*, apesar de todas as extravagancias e cabriolas intencionaes, é incontestavelmente *alguem* — alguém que se não confunde com a onda incaracteristica dos « jovens esperanças » que andam pela litteratura vivendo das pontas de cigarro que os artistas deitam para o lado...

Eugénio de Castro tem direito a que todos que apaixonadamente se occupam de letras, abram alas e lhe digam:

— « Bem vindo sejas, irmão! »

E é por isso que se não deve zangar que um d'esses apaixonados das letras, pela muita estima que tem pelo poeta, lhe diga ao vê-lo com suas tendencias para a *pose*:

— « Sê natural, sê sincero, sê expontaneo! Tudo mais, amigo, são farofas!... »

MARIANO PINA.

POETAS DECADENTES

As quadras que em seguida publicamos são o primeiro trabalho d'um moço poeta que — segundo nos affirmam pessoas que n'ol-o apresentam — se sente enojado da insipida senectubria que vac lavrando na moderna poe-

ria portugueza, e que está resolvido a empregar todos os esforços, todos os sacrificios, no sentido de promover um renascimento no Verso Lusitano.

Como vêem, o *decadentismo* está disposto a criar raizes em Portugal. Não lhe faltam azeites, e acretorios elementos distinctos, como Eugénio de Castro e o sr. Oliveira-Souza. Vários vêr nascer e medrar no nosso paiz a ala dos *decadentes*. E como a luta entre conservadores e innovadores ha de dar que fallar, aqui deixamos abertas as paginas da *Illustração* — para as contidas.

Vicini por este meio prevenidos adeptos e adversarios do *decadentismo*, que lhes publicaremos todas as declarações e gritos de guerra, tanto em prosa como em Verso. Só lhe pedimos um favor — que se não zanguem! Não vale a pena atrair-se com nomes feios, por causa de innovações que ahiã não dão de viver... *l'espace d'un matin!*

RENASCENÇA

Viventes visões do passado, loiras chiméras
d'ouro, de rubis, de saphiras e de esmeralda,
fantasmas florir das passadas primaveras,
das flores que fanam, unica fanada grinalda,

vidas de vanadio, peitos virgens, pensando
pela agonizant autumnal do inconfessado amor,
voes mortos, d'onde sae o lento e abruçado tendo
do que fenecer a flor da mais ferverosa dor,

corações feridos em amores desatentados,
vidas evanescentes, sem crença que as alinde,
as luzes da Ilusão chamam vossos desalentos,
vinde ao fremente fructos das desesperanças, vinde...

Mas ha um Deus Piedoso a animar-nos do altar,
— oh! a consolação das Suas Fallas Precursoras —
este mundo impio do norte e de dia, a esperar
a divina divisão das Benções benfiteiras.

Lange flore a sempre-viva e o cypreste grave,
caia de soez, de estrellas, de amor a anclada chuva.
Um mazo de linho, um diadema alvissimo e suave,
corte o negro e fúnebre véu grande da Viuva.

Libros, abril de 1890.

ANTÓNIO DE OLIVEIRA-SOARES.



PARIS

Paris ao fim da tarde. Horas em Notre-Dame.

Formiga pelo caos um pintalgado enxame,
Bizantino e original museu d'ethnographia,
Ambulante, exhibido, à luz escassa e fria,
Uma variedade excepcional de tipos:
Chinezes de cabala, obesos como pipos,
Um ou outro escocoz de joelhos á vella,
Sisudos europeus de fita na lapella,
Ingleses varonis d'um frescor de manteiga,
Angulosos judeus, russas de fronte meiga,
Malandros de Paris, Princezas de Circassia.

Escorte pelo ar uma tinta violacea.

O ANGELUS. A tarde é humida e serena.
Um doirado vapor corta o dorso do Sena,
Deixam de fumegar as vastas officinas;
Vão fluindo brumas e leves musselinas...
O sol é um ramo d'ouro, a arder, que se do'alha...
E a lua circular, semelhante a uma bolha
Presta a rebentar a flor d'uma nascente,
A lua circular, sedosa, evanescente,
Surge vaga, detraz do nevoeiro denso,
— Hostia vista a travéz d'uma nevoa d'incenso.

Depois do ter enlaido um kilometro ou mais
Ao longo d'este infinito e rumoroso caos,
Eis-me chegado enfim a casa.

Silenciosa,
Aguarda-me na alcova a grande desdenhosa,
A minha glacial e trigueira luizinha.

Encontro-A Inerte sobre uma poltrona antiga,
Cujo espaldar exhibe um ruído braso:
Sobe um campo d'azul flur do lysado um leão
Rompendo, no alto o elmo aberto, e arredor
Paqueto com meteos de variegada cor.

A minha Amada está triste com um crepusculo...
Seu corpo virginal, ethereal, minúsculo,
Reposa immovel, como os marmores das campas;
Suas esguias mãos, duas finas estampas,
Dormem longas, subtile, em seus magros joelhos;
Suas unhas, em bico, esplendem como espelhos;
Seu labio rubio tem uma expressão estranha;
Sua roupa rescende a *chypre* e a *pel'd Heupauha*;
Afeza-lhe o pescoço uma pelica clara,
E seu cabello, que é d'uma opulencia rara,
Encobre, como um manto, os braços da poltrona.
Vendo-me entrar, scintilla um fulgor dubio á tona
Dos seus olhos que são duas noites de chuva,
Olhos negros que são dois negros bagos d'uva.

Beijo-lhe as mãos: tem febre.

Então, devagarinho,
Tentando dar a voz a macieza do arminho,
Descrevo-lhe o que fiz durante o dia inteiro;
Depois, co'a submissão servil d'um prisioneiro,
Peço-lhe que me diga uma palavra apenas,
Se sou eu que A aborreo e se quer que me vá,
Mas que falle, que não seja tão fria e mi... [onde,
E Ella entreabrindo o olhar onde o desdem se es-
Olha-me friamente, olha-me e não responde...
Começo então a ler-lhe uns versos que lhe fiz,
Com rimas d'um valor de sardios e rubis,
Versos onde celebro, em rhythmos preguiçosos,
Do meu violento amor os impetos fogosos,
E a frieza polar do seu polar desdem.
Ella ouve em silencio; e a pexar de ver bem
A grande excitação que no meu peito lava,
Immovel, não me diz a minima palavra...

Por fim em suas mãos magras, onde esfúzia
De pesados anneis a albenite pedraria,
Penho de cravos um nupcial ramo virginio,
Ella, porém, abrindo os seus labios de minio,
Cheira os cravos com gula e não m'os agradece.

Desanimado então, vendo que permanece
Com a firme intenção de não me responder,
De não me dar um riso ou um olhar sequer,
Desanimado então, vou-me sentar a um canto
Da pequena alcova escurcida, enquanto
O doirado brazão da preciosa cadeira
Explende vivo e cêrca a morena, trigueira
Fronte da minha doce Amada, como um timbo.

Nervótico, a scismar, accendo o meu cachimbo.

Subito a sua voz unctosa se alevanta,
Voz que chora doída, e no mesmo tempo canta,
Voz que me diz assim:

« Incomoda-me o fumo... »

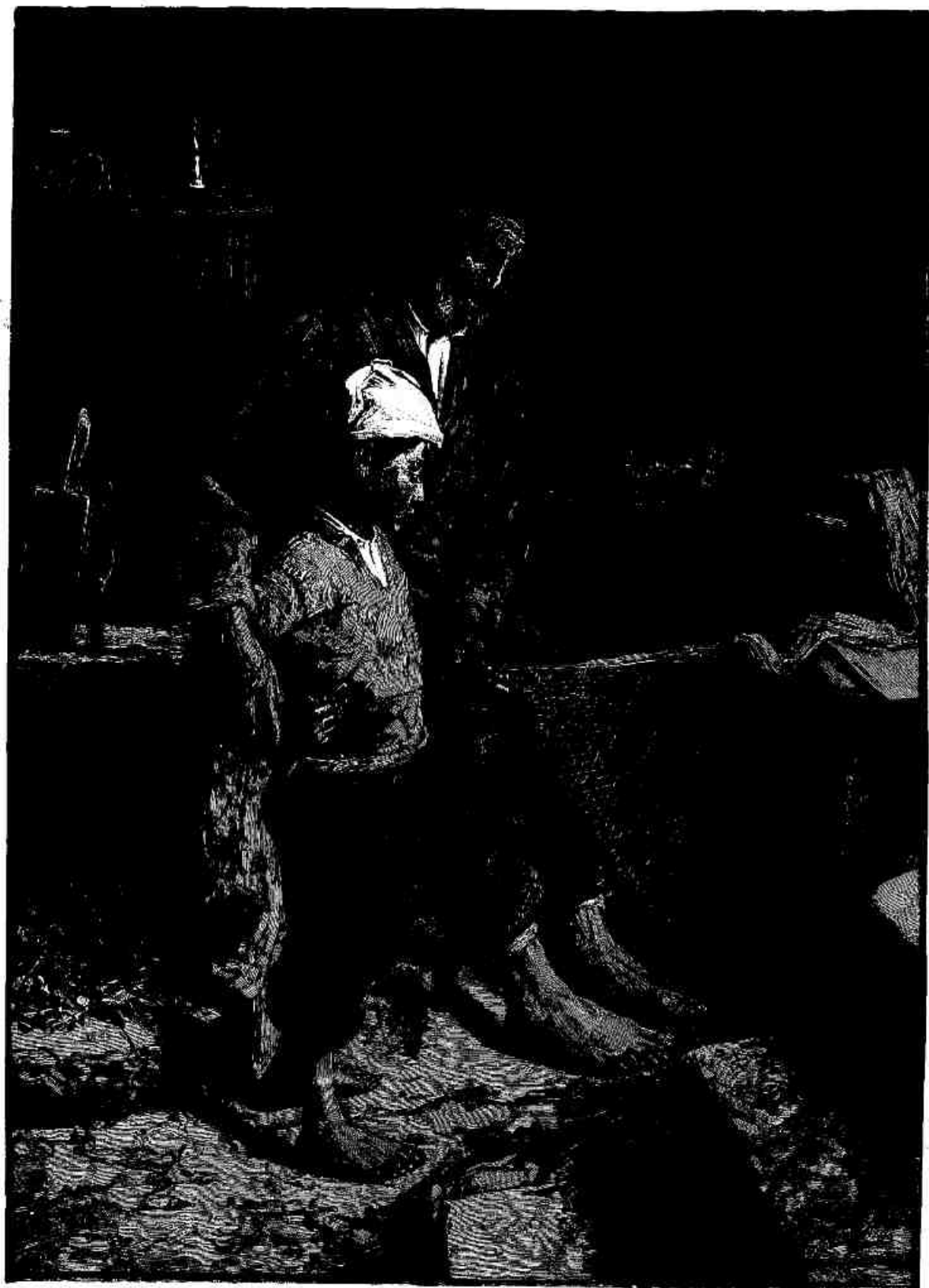
Noite. A Lua caminha absorita, no seu rumo,
Branca, d'uma brancura ascetica de monja...
Cez de velludo pardo. Assim como uma esponja
Que epaga a uma lousa um desento infantil,
Assim a treva vem densissima, subtil,
Diffundindo, apagando os contornos das enusas,
Creando espectros maus e sombras mysteriosas,
Sinalra, dando a tudo uma apparencia nova.

Parece que chovou cinza na nossa alcova!
Tudo é cinzento, tudo: os moveis, o tapete,
A poltrona da minha Amada, o seu corpete,
Seus cabellos sem par, essa luctuosa messe,
Que nos hambahras faz cae como um negro diluvio,
E seu busto cruel que de perill parece
Um camafêu cortado em lava do Vesuvio.

Paris, 26 de agosto de 1890.

EUGENIO DE CASTRO.

TSARINE PO DE A TROZ RUSSO
adherente, buemam, lavatol
PREPARAÇÃO DO TROZET
26, Boul' des Filles. PARIS



ARTE PORTUGUEZA. — A LIÇÃO DO AVÔ. — QUADRO DE SOUZA PINTO.

(Gravura de Ch. Bandé.)

AS NOSSAS GRAVURAS

NAS VESPERAS DO «SALON.»

— Um dos lados mais interessantes da vida parisiense é sem dúvida o seu movimento artístico, a vida excepcional das *ateliers* e das escolas, quando se aproxima o mês de maio, quando se vão abrir o *Salon*.

Os *reporters* percorrem os *ateliers* dos mestres da pintura e dos pintores na moda, para saberem quâes as telas que vão expôr ao publico, e fallar d'ellas aos seus leitores.

As portas dos mesmos *ateliers* batem a todos os instantes os parisienses da alta sociedade, as actrizes e as demi-mundanas, para também verem os famosos quadros.

Depois vem a procissão dos amigos, dos criticos, dos artistas, e dos homens do mundo.

E é um nunca acabar de *oh!* e de *ah!* diante de centenas de metros quadrados de telas cobertas dos mais extraordinarios e imprevisíveis assumptos.

Quando se aproxima o ultimo dia para a entrega dos quadros, então o *atelier* é fechado a quanto chaves contra os visitantes e contra os importunos.

E preciso dar os ultimos retoques, dar a ultima pincelada, é obra que vai passar em breve a *Postérité* — ou ao assolbro da *Crítica*. E só algum intimo assiste ao ultimo toque, ou quasi sempre algum *intimo*, o delicioso e amado modelo que vem rever-se diante do quadro, diante da sua figura em *Diana* ou em *Verdade*, diante do poema *pintado* da sua *Carne* e da sua *Belleza*.

Tal é o assumpto que inspirou ao nosso collaborador *Vagel* o desenho da nossa primeira pagina. É o interior d'um *atelier* nas vesperas da entrega dos quadros. É por assim dizer o *prologo* do *Salon*.

Quando ao *Salon* em si, aos *Salons* de Paris de 1889 (porque este anno ha dois *Salons*) a *Illustração* consagrar-lhes-ha as suas paginas. Mostraremos



O SR. CONSELHEIRO MARTINS D'ANTAS

Ministro de Portugal, em Paris.

as obras mais notaveis da exposiçõ dos Campos Eliseos, e da exposiçõ do Campo de Marte, todas reproduzidas pelos primarios gravadores de Paris.

E estamos certos de que, por este meio, faremos mais em favor das Bellas-Artes em Portugal, do que todos os discursos do sr. Arroyo. O sr. Arroyo tentou diffundir o gosto pelas bellas-artes — fazendo discursos ao paiz. A *Illustração* procura diffundir esse gosto — publicando as obras-primas da arte moderna.

Qual de nós tem razão?...

A POLVORA SEM FUMO. — O famoso acon-

tecimento militar d'estes ultimos tempos é a descoberta da polvora sem fumo.

O ministro da guerra em Kranga mandou executar no dia 1.º de abril findo importantes manobras, com o fim de formar uma ideia exatta dos effeitos da polvora sem fumo applicada á espingarda Lebel e á artilheria.

Estas manobras apresentavam uma singular importancia, para se saber se não haveria motivo, em vista d'estas experiencias, para mudar a tactica actualmente em uso no exercito francez. O thema da açõõ era o seguinte: o inimigo devia tentar apoderarse da ponte de Cheannvillers, sobre a Marne, perto de Paris.

A nova polvora queimada por uma só espingarda Lebel produziu um fumo absolutamente imperceptivel, mas quando um tropo de atiradores deu um fogo de salva, vio-se um ligeiro vapor que se dissipou quasi instantaneamente.

O fumo d'um tiro de peça é visivel, mas desaparece rapidamente. De resto, as peças atiraram tions de polvora secca, mas muitos officios affirmam que o fumo é menos visivel quando se dispara com balas.

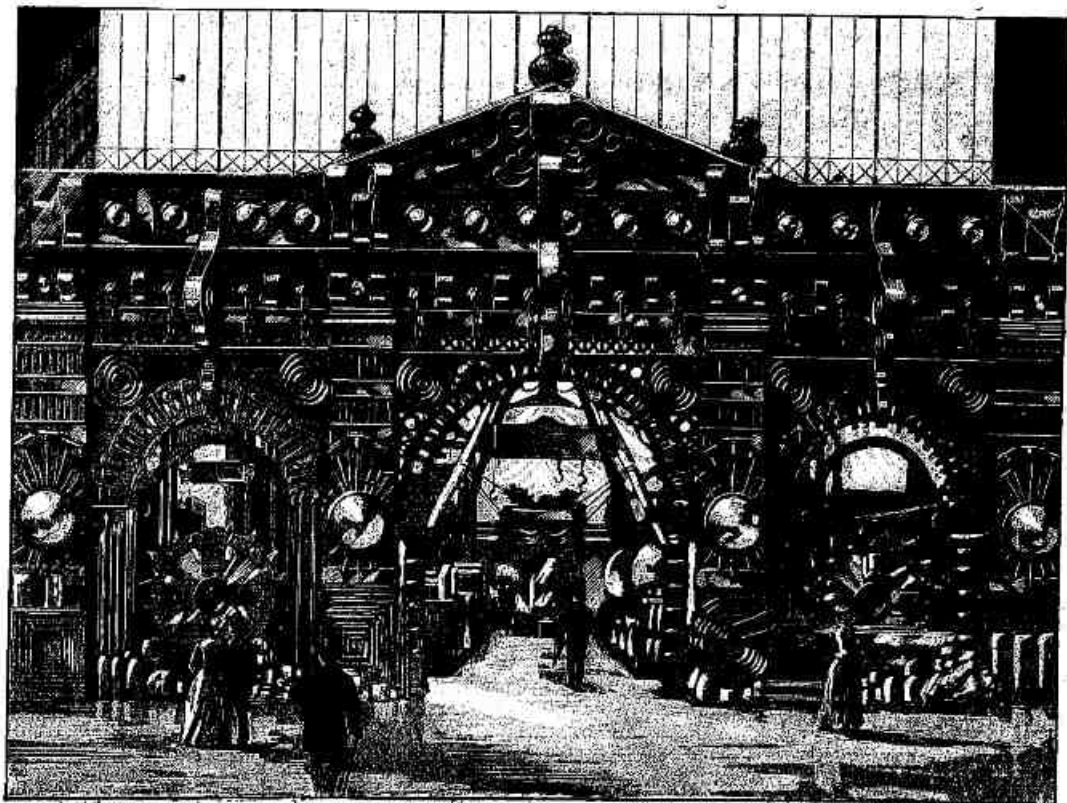
A cavallaria, como não fosse guiada pelo fumo, não sabia onde encontrar a infantaria. Não tinha outro indicio senão a intensidade do fogo que varia segundo a direcção do vento, e d'este modo arrisca-se a cair n'uma emboscada do inimigo.

A nossa gravura representa rigorosamente o aspecto da quantidade de fumo que sai d'uma peça d'artilheria apenas dá o tiro.

Chamamos a attenção dos nossos numerosos leitores militares para este assumpto da maxima importancia, e que hoje tanto agita a opinião na imprensa militar franceza, allemã e italiana.

STANLEY. — A nossa gravura é feita sobre a primeira photographia que tirou Stanley apenas chegou ao Cairo, no dia 17 de janeiro findo — depois da sua grande exploracão ao interior d'Africa, em busca de Emin-Pachá.

Stanley não é positivamente um amigo dos por-



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O GRANDE PORTICO DA INDUSTRIA DOS METAES

tuguezes, pois trabalha no Interior d'Africa por conta dos inglezes. Mas nem por isso, apesar de nosso inimigo em Africa, podemos deixar de afirmar que Stanley, conjuntamente com Sorpa Pinto, Capello e Ivens, pertence ao grupo dos grandes descobridores do século XIX.

Da sua viagem pouco ou nada se sabe, pois que as peripécias curiosas as reservas Stanley para fazer um volume que lhe ha de valer bellas milhares de libras sterlingas. Chegou ao Cairo onde esteve muitos dias com o Khediva, tratando de questões africanas; passou depois por Cannes e Paris, rapidamente, como *reporter* que é, e que se não demora onde não ha que fazer; e ás horas em que escrevemos, está em Bruxellas planejando novas aventuras no Congo com o seu amigo S. M. o rei Leopoldo.

Das entrevistas que tem tido com alguns jornalistas, só se sabe por enquanto que Stanley considera uma coisa incalculavel as riquezas em marfim que ha no interior d'Africa. Também falla n'uma curiosa tribo de pygmies que encontrou durante a sua travessia; e n'uma coisa mais horrivel do que a escravidão, que são os incendios e mortes praticados pelos traficantes arabes, quando se querem apoderar d'uma aldeia indígena, onde sabem que ha marfim guardado.

Esperem os curiosos de questões africanas pelo apparecimento do volume de Stanley, que a curiosidade lhes será largamente satisfeita, pois que o *ex-reporter* é habilitissimo nas suas descripções de viagem.

ARTE PORTUGUEZA: — A LIÇÃO DO AVO. — Publicamos uma reprodução de mais um bello quadro do Souza Pinto, artista que é hoje fora de duvida, em Portugal, o primeiro pintor de quadros de genero.

A sua conhecida tela das *Calças rotas*, que ha annos publicamos, valeu-lhe uma menção honrosa no *Salon* de Paris de 1883. D'então para cá continuou explorando o mesmo genero — distinguindo-se tambem no *retrato* — e hoje pode-se dizer que Souza Pinto atingio uma notavel perfeição nos seus processos de desenho e de pintura.

Será o bastante?... Eis o que nos merece algumas duvidas — duvidas que sempre apresentamos de cada vez que nos occupamos d'este artista que, justamente por que está acima de principiantes e mediocridades, precisa ser tratado com toda a sinceridade, sem favores de cumprimentos banais.

Souza Pinto *aparisiense* — se extremamente. Isto é: em vez de deixar correr naturalmente o seu talento, e de só pensar na Arte, pensou de mais no Sucesso. E quando se pensa no successo, é-se fatalmente a victima, o instrumento da Moda.

Bem sabemos que de nossos dias já são raros os temperamentos como Millet e Corot, e que o Artista quer chegar depressa á gloria — o que ainda é mais — a fortuna. D'aqui uma série de transigencias com o publico, com os amadores e com os compradores. E quando nós esperavamos ver Souza Pinto voltar para Portugal, e estudar a natureza e os tipos do seu paiz, com toda a largueza e toda a audacia d'um verdadeiro temperamento peninsular (como fazem os hespanhoes) — nós vemos Souza Pinto trazer-nos de Portugal quadros admiraveis, mas excessivamente *amáveis*, só com o fito de lisonjear os olhos do parisiense.

D'aqui a serie de quadros, desde as *Calças rotas* estudado em França, até a *Lição do avô* estudado em Portugal, primorosamente executados, mas que visam apenas á anedocta, o que quer que seja como *nouvelles à la main* da pintura, para irem adornar os microscopicos salões de Paris.

Eis porque admiramos sinceramente os seus trabalhos, mas porque tambem estremecemos pelo futuro do seu talento, á proporção que o vemos afastar-se do seu paiz, onde ha tantos thesours de pittoresco e de caracter para seduzir não um artista, mas dezenas de artistas.

Como vêm pela reprodução de Ch. Baudé, este quadro de Souza Pinto é admiravel de factura — mas factura adequada de mais ao gosto de Paris. Quizeramos n'um assumpto portuguez mais alguma coisa que nos desse a impressão da nossa luz e da nossa vida. E se somos assim exigentes, é porque o artista tem elementos para responder ás exigências da Critica.

O SR. CONSELHEIRO MARTINS D'ANTAS. — Publicamos hoje o retrato d'uma das mais illustres physionomias da diplomacia portugueza,

d'um dos nossos raros diplomatas da *estreira*, pois que n'uslunos tempos a *carrreira* começou a ser ferozmente invadida pelos homens da politica — o que é milvezes peor — pelos homens do milhão! He sorte que, quando se depara com um diplomata portuguez que tem chegado aos postos mais eminentes, sem ser luctador politico e sem ser millionario, é nosso dever descobrimos-nos respeitosa-mente, pois que representa um grande talento e um nobre caracter, para nunca ter sido sacrificado em qualquer contradição ministerial, como ha tantas — e tão comicas! — no nosso paiz...

O sr. Conselheiro Martins d'Antas é hoje ministro em Paris, pafá onde o actual gabinete o transferio em seguida ao desgraçado conflicto anglo-portuguez e ao ultimatum do dia 11 de janeiro de 1890, que originou a queda do gabinete progressista. D'aqui resultou tambem a demissão do sr. conde de Valbom, que o sr. Conselheiro d'Antas veio substituir.

Em França é o nosso ministro imensamente considerado pela primeira sociedade, pois que antes da guerra de 1871 foi aqui primeiro secretario da nossa legação. Depois foi ministro em Bruxellas, e em seguida em Londres, onde se distinguio d'um modo inimitavel em todas as questões da politica africana, entre o nosso gabinete e o gabinete de Saint-James.

Nas questões de Laurence Marques e do Zambeze desempenhou o sr. Conselheiro d'Antas um papel dos mais activos e dos mais importantes. E quando se fizer um dia a historia da nossa lucta colonial com a Inglaterra — a lucta em que temos desgraçadamente de ficar vencidos, mais por defeitos nossos, do que pela propria fraqueza — n'esse dia o historiador imparcial ha de mostrar ao nosso paiz a nobre figura do sr. d'Antas, como a de um portuguez illustre pela intelligencia, pelo saber e pelo mais acrisolado patriotismo.

O sr. d'Antas é tambem um escriptor muito apreciado pelos seus interessantes estudos historicos, tendo publicado ha annos um curiosissimo volume sobre *Os falsos D. Sebastião*.

AINDA A EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A data do presente numero da *Illustração* coincide exactamente com o 1.º anniversario da abertura da Exposição de Paris.

Já lá vaé um anno que té o lugar o sonho maravilhoso d'este grande dia de festa, de regosio e de paz universal! Abençoada Republica, que soubeste offerecer ao mundo um tão bello espectáculo da Intelligencia e do Trabalho — apesar das greves das monarchias europeas que se recusaram a vir a Paris festejar o centenário da Revolução franceza, d'esta Revolução que acabou com todos os tyrannos, constituionalizando o que é o mesmo que dizer, *republicanizando* todos os Reis!

Bem sabemos que a Republica franceza ainda não atingio o grau de perfeição politica e de emancipação social que d'uma Republica — na mais pura expressão da palavra — se pode e deve esperar. Isso provem das poderosas tradições que a Monarchia e o Imperio deixaram em França, das complicações que todos os dias criam aos governantes os partidos conservadores, os pretendentes, e sobretudo o elemento clerical. De modo que a Republica franceza, para não ver rebentar conflictos de varias classes, se vê ainda muitas vezes na necessidade de transigir com os velhos elementos. Mas tudo isto é uma questão d'annos. E quando a mocidade que hoje se prepara nas escolas occupar os lugares da actual geração, então a Republica ha de marchar livre, desenharaçada e serena, no caminho da maxima Liberdade e da absoluta Justica.

Todas estas reflexões nos acodem ao espirito ao lembrarmos-nos do dia 5 de maio de 1889, e ao publicarmos a gravura que representa o grande *portico da industria dos metaes*, que ficava á direita, na galeria d'honra, mesmo proximo da entrada para a galeria das machinas.

Como vêem, era todo de aço e formado de todos os attributos e ferramentas das industrias do ferro, do aço, do bronze, do chumbo, etc. Era uma maravilha de composição e de originalidade. Hoje já nada resta de semelhante obra-prima...

Ha muito que o sonho se desfiz!

Querem saber os leitores o que hoje resta da brilhante e surpreendente exposição colonial da esplanada dos Invalides?...
G. SÃO BOUTQUET.

Olhem para a gravura que segue, e onde o nosso artista reproduzio o aspecto de todas as demolições, pois que ainda se está demolindo...

Tudo isso tem cahido, e continua cahindo sob a picareta cruel dos demolidores... Desmornnam-se todos esses lindos pavilhões que, durante seis mezes, causaram a admiração de tantos milhões de visitantes. As elegantes architecturas, tão contornadas, tão ricas de tons, transformaram-se em montões de calça e entulho... E apesar da tristeza que nos invade um tal espectáculo, a nós que seguimos passo a passo todas as phases d'essa grandiosa Exposição — nada é tão pittoresco como um passeio através as ruínas d'esta cidade encantada, que uma varinha mágica parece ter feito surgir no Campo de Marte e nos Invalides.

Coragem leitores! Depois de tantas maravilhas, precisamos tambem lançar a vista para o quadro da nada das coisas terrenas...

Sic transit gloria mundi!



AMAR SEM SER AMADO

I

— Moço loiro das balladas
D'estas noites de luar,
Porque andas pelas estradas
De tal maneira a chorar?

Já ninguém ouviu as toadas
Do violão a quebrar,
O silencio das noites
Para as bellas acordar.

Falta de tuas cantigas
Sentem as tuas amigas,
As estrellas lá do céu.

Qual a causa da mudança?
Acaso a flor da esperança
Em teu peito já morreu?

II

— Não estranhes a mudança
Pois tu bem sabes que a flor,
A boa flor da esperança
Só vive ao lado do amor.

Do Destino pela lança
Foi ferido o trovador.
A noiva — pobre creança! —
Morreu... morreu... Ai que dor!

Com tanta tristeza, tanta,
Ao violão não mais canta,
Não pôde notas vibrar,

E com os passos incertos
Pelos logares desertos
Como um doido anda a chorar.

III

— A tristeza fugir hade,
Não ouças o coração.
Afoga a negra saudade,
Vae buscar o violão.

Olha como é d'aridade
Do luar sobre o balcão
Sorri toda a mocidade
Das formosas de roupão.

Cantar e rir a contento
Ao som do meigo instrumento
Do que chorar é melhor.

Não és assim desgraçado...
Ai! amar sem ser amado
É pena muito maior!



OS DOIS AVARENTOS

VELHOS ambos, sem creado nem creada para os servir, os dois avarentos viviam n'um *faubourg* da villa. As suas casas d'aspecto triste e soturno, eram d'um estylo pesado e tocavam-se. Pareciam-se uma com a outra, em virtude das janellas quasi sempre fechadas e das portas que só se abriam raras vezes. Na terra todos sabiam que existiam ali dois homens, mas sabiam-no mais por tradição que por experiencia propria, visto que os moradores só sahiam pela manhã cedo, para ir ao mercado, á hora em que pouca gente anda na rua. Os velhos do sitio, lembravam-se que, outr'ora, dois extranhos, pouco depois da guerra civil que havia desolado os campos, pilhado as herdades, incendiado os castellos, se tinham vindo estabelecer n'essas duas habitações, tendo apenas como creada uma desgraçada que pedia pelas portas e pelas estradas, quasi idiota, que tirava agua do poço, que variava e arranjava os quartos e preparava as comidas que elles comiam juntos. Essa rapariga tinha morrido, nada conhecendo dos seus patrões senão os nomes: um chamava-se Anselmo e o outro João. Os dois não tinham substituido a creada. Durante alguns annos continuaram a comer juntos; viam-nos sahir para ir a casa do vizinho almoçar ou jantar, e de noite uma das janellas das duas casas illuminava-se. Mais tarde os dois vizinhos deixaram de se visitar, e a solidão continuava, obstinada, veio substituir aquella vida commum.

Agora viviam como selvagens, e as negras e tristes fuchadas dos dois edificios, desafiavam a curiosidade dos transeuntes, que por fim se cansou.

Uma noite, Anselmo sentado na cama, inclinava-se sobre um enorme cofre aberto em que brilhavam peças de cobre, prata e ouro, ouro sobretudo. Viam-se ali moedas de todos os paizes, de todas as effigies e de todos os toques. Era um thesouro enorme. Anselmo, louco, embriagado contemplava-o, beijava-o; depois retirando o futo e a camiza precipitou-se no cofre largo e comprimido como uma banheira, e enterrou-se no meio do ouro, rasgando a pelle, ferindo-se e julgando-se feliz de sentir as peças metalleas entrarem-lhe nas feridas abertas, até que quebrado pelo excesso da alegria, o avarento cahiu em spasma, e conservando n'os olhos fechados essa deslumbante visão, deixou-se adormecer, completamente nu, sobre esse ouro, no meio d'esse ouro, semelhante ao amante extenuado de amor.

No silencio da noite, ouviu-se um ruido qualquer: uma janella abriu-se e por ella passou um homem. Era João, o outro avarento. Com passo surdo, as mãos adiante para não tropeçar, dirigiu-se para o cofre d'onde se destacava, no meio d'esse ouro que ofuscava, o corpo nu de Anselmo. Esse tinha-se voltado sem accorrear, e roncava.

João, tirando da algibeira uma enorme faca, ajoelhou-se em frente do cofre, como uma mãe que vela, ao lado do filho e levantou a arma. Mas hesitou; havia nos seus olhos um pouco de piedade. Entre estes dois homens, existiam sem duvida certos laços que o tempo não tinha feito desatar; recordações dos perigos partilhados, remorso dos mesmos crimes, tudo enfim o que pode restar das complicitades passadas.

A luz da candeia estremeceu, e o thesouro,

João não hesitou mais e enterrou a faca no coração, de tal fôrma e com tal violencia que a ponta foi quebrar-se d'encontro ás moedas, do outro lado do corpo. Anselmo tin'ha morrido sem um suspiro, sem um movimento; apenas um *glou-glou* de sangue nos cantos da boca. Depois João pegou no cadaver e deitou-o na cama.

Feito isto lançou-se sobre o cofre enchendo-se de muito ouro, na camisa, nas algibeiras, começou a encher um sacco que tinha trazido; e quando depois de ter pegado fogo ao quarto se preparava para sahir com as chaves roubadas olhou para traz e viu as chamas que subiam pelas paredes, lambiam os cobertores da cama, e a pelle do morto, queimando-lhe a barba e os cabellos. Contente entrou em casa.

Como ninguém o tivesse visto entrar em casa do vizinho, nem sahir curvado sob o peso do sacco cheio d'ouro, quem poderia suspeitar o d'esse duplo crime: assassínio e fogo posto? Os magistrados concluíram que tinha sido um accidente. Anselmo tinha-se deixado adormecer sem apagar a luz que, provavelmente cahiu e incendiou as cortinas do leito; e quando os ossos do velho avarento, foram encontrados, não sem trabalho, no meio d'esse montão de cinzas e de destroços, e os enterraram no pequeno cemiterio á entrada da villa, ao pé da collina, ninguém mais quiz saber da aventura, e o pobre velho foi esquecido.

Seguro da sua impunidade, João, triumphava e vivia alegre! Elle tinha reunido ao seu thesouro, escondido n'um buraco da parede, o diuheiro de Anselmo; era elle que, todas as noites, agora, louco, embriagado, contemplava, tocava e beijava o prodigioso thesouro deslumbante e sonoro!

Esse imbecil d'Anselmo dormia agora no cemiterio, debaixo da pedra tumular, frio, descarnado, esqueleto, enquanto que elle, João, cheio de vida, gosava das caricias deliciosas das moedas, ficava como doído de todo esse ouro, e deitava-se no meio d'elle dormindo depois, como um amante extenuado d'amor nos braços da sua apaixonada.

Um dia que João se aproximou do sitio onde escondera as suas riquezas, um grito terrivel se lhe escapou dos labios. Tinham-o roubado, o buraco achava-se vazio e escuro. Com os olhos arregalados, os dentes cerrados, e eriçando os cabellos com as mãos, não cessava de gritar. — Foi tal o clamor, que atravez das paredes espessas, das triplices portas e das janellas fechadas, foi ouvido em todo o *faubourg*, e amedrontou e fez levantar todos os vizinhos, que sahiram á rua, esfregando os olhos.

Homens, creanças, mulheres meio vestidas, todos correram a perguntar: « o que era? o que tinha havido? quem tinham assassinado? »

Airrombaram as portas da casa do avarento e viram-no pallido, os olhos ensanguentados, a baba correndo em fio, berrando diante do seu esconderijo vazio!

« Roubaram-me tudo, dizia elle. E' verdade, mas parece-me impossivel. Um ladrão não podia introduzir-se n'esta casa, mas quem? quando? como? Haverá pessoas que passem atravez das paredes, que entrem pelos buracos das fechaduras? O meu dinheiro! O meu querido ouro! as minhas bellas moedas de todos os paizes do mundo? quem as levou? Quem me arrancou o meu unico amor, a minha alegria, o meu sangue, o meu coração, a minha vida? » E o desgraçado gemia como um animal a quem torcem o pescoço. De repente, João callou-se, tornando-se mais pallido, contrahindo as faces. Sem duvida, uma idea horrivel lhe passava pelo espirito. Depois do espanto da multidão silenciosa, o avarento abriu a bocca e balbuciou: « Se fôsse...?... oh! se tivesse sido... » Mas não

poude acabar; o corpo pendeu e cahiu morto sobre o solo, com a cabeça no rebordo do buraco vazio, onde estivera o thesouro!

Ha um anno, muito tempo depois da aventura que lhes contei, — foram exhumados os mortos do cemiterio, por causa d'um caminho de ferro que deveria atravessar a planície ao pé da collina. Alguns coveiros carrugavam sobre burras de ferro afim de levantar uma pesada pedra tumular — sob a qual repousava Anselmo. A pedra a custo, foi levantada e os homens deixando cahir das mãos as barras, levantaram os braços para o Céu, estupefactos pelo que acabavam de ver.

Aos pés d'elles, na cova aberta, brilhava uma quantidade prodigiosa de moedas de cobre, prata e ouro, e no meio d'esse esplendor, as duas mãos d'um esqueleto apertavam ainda piastras e florins entre as phalanges esbraquiçadas.

CAYULLE MENDES.

O LIVRE CHIRE PORTUGUEZ

IMITADO DE BECKER

*Fu te saúdo, ó rio largo e fundo,
Que reflectes o azul do céu profundo
Do teu seio na argentea limpidez;
Via por nós para o progresso aberta,
Fu te saúdo, a fronte descoberta,
O' Chire portuguez!*

*Contra os rapaces corvos sanguinosos
Que te espreitam da sombra cubiçosa
Em nossos braços tens seguro arnez,
Deixa-os arder na furia que os consome
Que, enquanto um labio pronunciar teu nome,
Tu serás portuguez!*

*O leopardo — é assim todo o felino —
E' covarde, ladrão e assassino,
Mas não ha-de assaltar-nos d'esta vez;
E enquanto um reno te acolita as vagas,
Correndo livre entre libertas plagas,
Tu serás portuguez!*

*Quer abraçado ás tuas cataractas,
Quer na espessura umbrosa das tuas mattas,
Ou das verdes campinas atravez,
Rola tranquillo em fulgidas areias,
Que, enquanto o sangue nos girar nas veias,
Tu serás portuguez!*

*Do teu caudal as niaídes formosas
Que desertam as ribas recuosas
Do agudo griffo do abutre inglez,
Não mais nas grutas do teu seio escondas,
Que, enquanto um lenho te sulcar as ondas,
Tu serás portuguez!*

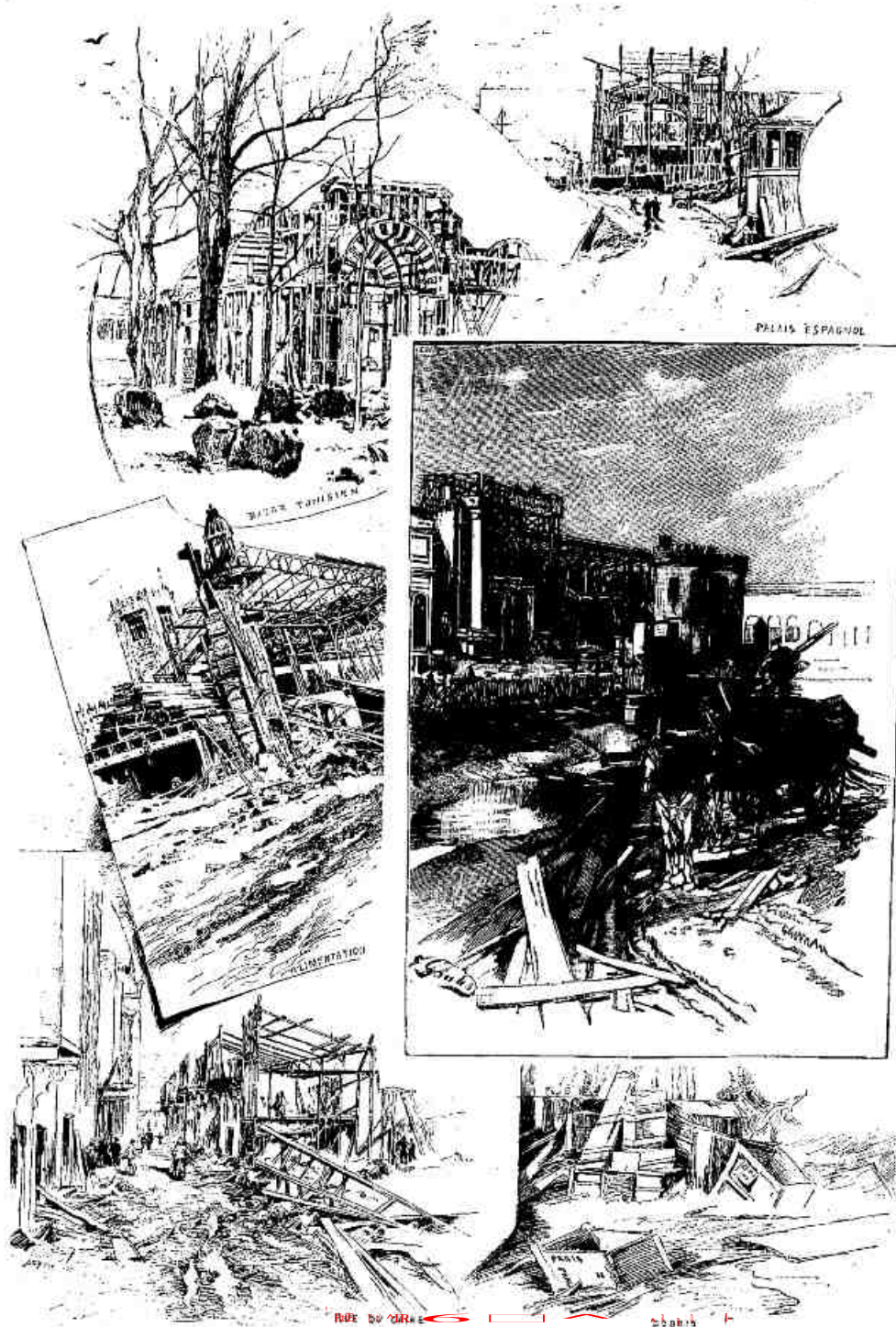
*De Portugal não passam nas barreiras,
Por gravatas, as ferreas gargalheiras,
Nem os grilhões para algemar teus pés, (1)
Dorme tranquillo em teu sagrado leito
Que, enquanto a fé nos accender o peito,
Tu serás portuguez!*

*Tu serás portuguez e livre, e ufano,
Que jámais contra o peito luzitano
Deixou Deus o infiel vibrar revez;
E, enquanto ao mar fôres levar uma onda,
Desde o Zambéze ás terras da Moçanda
Tu serás portuguez!*

Mupassa, 6-10-89.

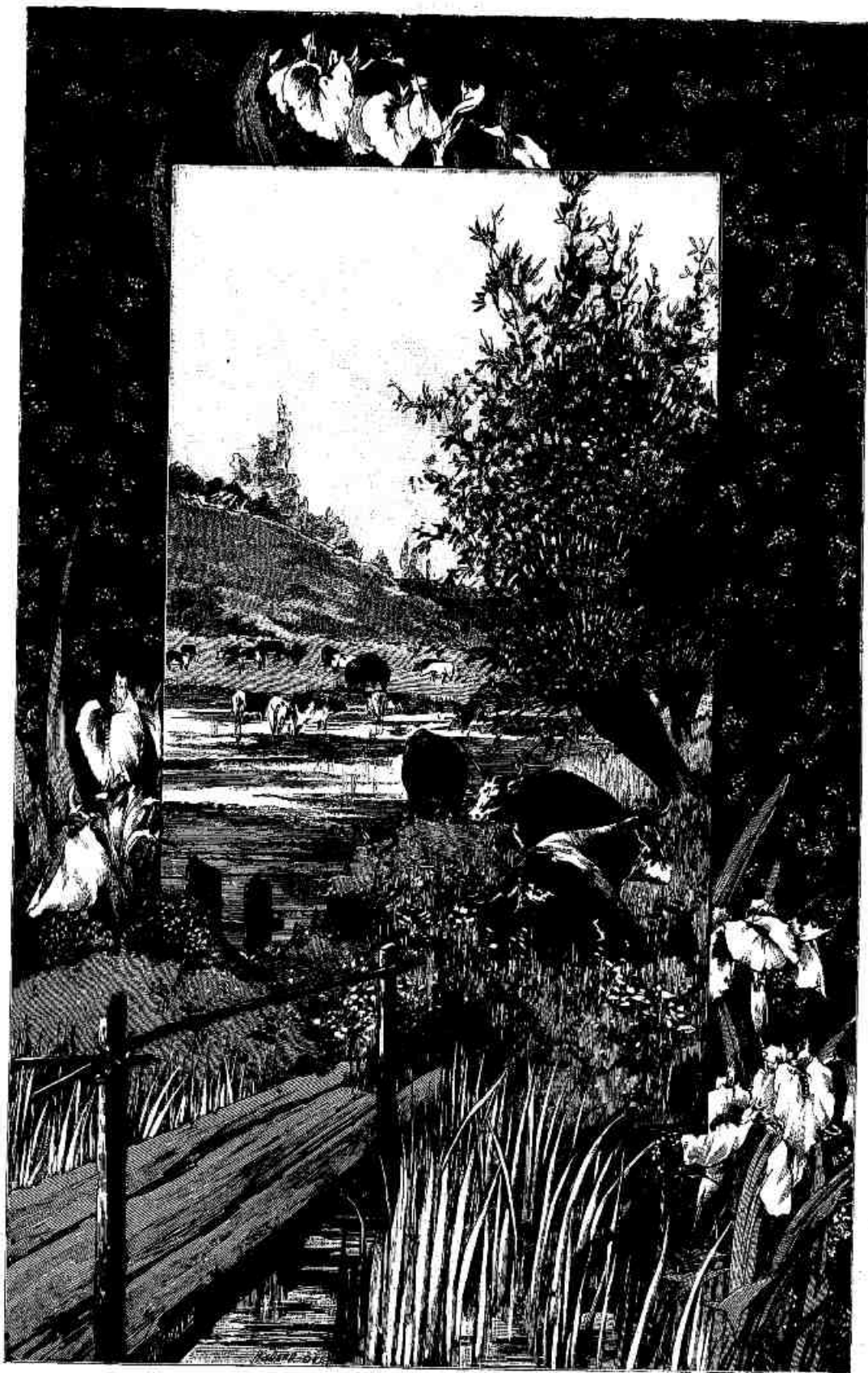
ALVARO DE CASTELLÕES.

(1) Allude-se áo que o explorador Serpa Pinto contou na conferencia de S. Carlos.



Destruição do pavilhão espanhol, do pavilhão de Tula, de Alimentação, da rue du Cadre, do pavilhão do ministério da guerra, etc.

AS DEMOLIÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS.



OS MEZES ILUSTRADOS, MAIO. — COMPOSIÇÃO DE HABERT-DYB

A PASTA DENTÍFICA DE BOTOT

VENDIDA EM TODAS AS FARMACIAS E
EM RE. DE. DISTRIB. GERAL DE L.

UNICA VERDADEIRA AGUA DE BOTOT

PARIS - 17, Rue de la Paix, 17 - PARIS

UMA TRAGEDIA

N'AQUELLA noite voltei cedo para casa.

O vento frigidíssimo que soprava daquella noite violento havia-me causado uma dolorosa enxaqueca, como ha muito não sentira.

Subi rapidamente as escadas, entrei na minha alcova situada nas aguas-furtadas da habitação, e abrindo a janella semei-me n'uma cadeira, apoiando a cabeça entre as mãos.

Passados alguns momentos, o descanso fez-me declinar a dor da cabeça, e então, como a ventaninha tivesse abrandado, debrucei-me no peitoril da janella a gozar o espectáculo da noite.

O disco cercado da lua, vinha montando o horizonte do oeste, subindo mansamente a pouco e pouco para o zénith, onde fulguravam resplandecentes as brilhantes constellações da nossa zona circum-polar; eu, como sou um admirador entusiasta das magnificências celestes, dispuz-me a observar aquellas estrellas que em breve iam desaparecer na irradiação do astro das noites.

Havia quasi uma hora que eu me achava absorto nas minhas observações, contemplando as estrellas componentes da magnifica constellação da Grande Ursa, quando subitamente me feriu os ouvidos um barulho violento de uma consonancia particular, que se repetiu com estridor nas paredes do meu aposento.

Olhei para o ponto d'onde me parecia haver partido o barulho, e es, então fiquei, quando o ao tido clarão da lua — vi duas massas escuras e alongadas, agitando-se desordenadamente no vertice do telhado do meu vizinho Athanasio.

— Que diabo será aquillo? pensei eu.

E para satisfazer a minha curiosidade, porque, diga-se a verdade, eu sou talvez o mais curioso dos descendentes do velho Adão, corri á gaveta da minha commoda para della tirar um ferrujecto binocular, precioso legado de meu avô materno; mas a amaldiçoada gaveta estava hermeticamente fechada e para abri-la claro é que seria necessaria a respectiva chave, mas esta é que nem a trancas se deixava lobrigar.

Busquiei, procurei, explorei todos os cantos do quarto até aos mais recônditos escaninhos, mas o demonio da chave não apparecia, e no entanto a minha curiosidade era estimulada cada vez mais, porque novos barulhos identicos aos que ouvira primeiro ressoavam no espaço.

Desesperei-me, perdi a cabeça!

Peguei n'um volumoso martello que por acaso ali se achava, e em grave risco de pôr-me sobre-salto os membros da minha familia que a essa hora dormiam profundamente nos andares inferiores, comeci de partir em mil bocados a endiabrada gaveta; por fim, depois de um violento trabalho de cinco minutos, conseguí lançar mão do desejado binocular.

Mas, oh fatalidade!

Faltavam-me as objectivas!

Conjuravam-se contra mim todas as eventualidades que jámais imaginára; mas não havia tempo a perder.

Lancei mão de um velho longa-vista que a Providencia me desparou, e correndo novamente á janella assesi-o para o local onde vira os vultos.

No campo do meu instrumento pude então contemplar, cheio de surpresa, os dois gatos do meu vizinho, formosos exemplares de raça fe-

lina, envolvidos n'uma lucta encarniçada, medonha e sangrenta...

Peguei logo as rasões que motivavam tal escandalo, pois, relanceando casualmente os olhos para a extremidade do telhado, vi a minha gata Taraca, um elegante animal, que olhava espantada e transida de susto para a lucta em que os seus admiradores andavam envolvidos. Era pois um duello o que estava vendo, não havia duvida possivel a tal respeito.

Os comendadores na verdade, eram dois magnificos gatos do genero que os naturalistas denominam *Angora*, dotados de herculeia força, que por mais de uma vez tinham arranhado as mãos do sr. Athanasio, quando, ao jantar, aquelle os fazia subir para cima da mesa e os obrigava a comparsilharem com elle no mesmo prato as iguarias que vinham para a meza!... Por isso andavam gordos, nedeos, lusterosos e limpos, porque todos as manhas eram metidos em uma cabaça cheia da agua á invariavel temperatura de 30° — e lavados a sabonete de *Leindor* pela rubricula criada do meu vizinho, trabalho que sempre rendia, a ella — alguns arranhões — e a elles — algumas fustigadellas com o funço.

Pelo que fica exposto podem os leitores ver e admirar quanto o sr. Athanasio era de amavel para com os seus bichanos.

Mas tornemos á nossa narração.

Atiraram-se um ao outro com tal violencia, que o choque fez-os rolar pelo telhado com risco de virem apalpar as pedras da calçada, mas o furor de que se achavam possuidos em alto grau condizia-se novamente ao combate, e então é que ellas foram!

N'uma berreira de mil diabos, capaz de acordar o velho Athanasio que descansadamente se achava entorpecido ás delicias de Morpheu, engalinharam-se um no outro, agatanhando-se, — permitia-se-me o termo — dando-se mutuamente tenacissimas repelhas e paradas formidaveis, sem conta, peso e medida, e que sempre occasionavam a queda d'algum dos combatentes, que levantando-se immediatamente tomava ao assalto como se fora impellido por alguma mola de rigido aço.

Havia já alguns minutos que principiava o duello, mas parecia que este estava longe, muito longe, do seu *terminus*, porque os dois gatos burlhavam com tal furia, que já começava de correr sangue.

Um dos gatos, o que parecia mais valente, dando uma formidavel patada no seu antagonista, trouxe entre as garras um pedaço de epiderme lombar, e aquelle, saltando um berro de dor, e por seu turno estendendo raivosamente a pata, arrastou ao seu adversario toda a orelha direita, que apresentou envolta n'uma pasta de sangue!... Repugnou-me aquillo.

— Miserável! exclamei.

E fui dentro buscar um objecto qualquer para arremessar aquillo carnívoro, mas como não achasse immediatamente objecto que me servisse, peguei no meu timbreiro de vidro e arremeei-lho.

Mas como a noite não estava muito clara e eu soumyope, entrei a pontaria, e o timbreiro projectado com a grande violencia, tendo passado tras decimometros acima da cabeça do gato a que visara, partiu um video da janella das aguas-furtadas do meu vizinho e penetrou no aposento, fazendo um barulho dos diabos.

— Caramba! por esta não esperava eu.

E transei rapidamente de abandonar o meu posto de observação, com receio de ver assomar á janella das aguas-furtadas o meu vizinho, que talvez acordasse com o estrondo; mas não o fiz de um modo tão rapido que não visse distinctamente o gato desorientado fugir do seu rival e dar um salto formidavel, despenhando-se involuntariamente no abysmo... pedião, no meu gallinheiro, situado quinze metros abaixo do telhado.

— Oh que horror! exclamei, cair de uma altura de quinze metros... cento e cincoenta

decimometros... mil e quinhentos centímetros... desgraçado, quando lá chegar abaixo fica n'um molho. Vau soccorrel-o!

E levado dos meus sentimentos humanitarios, recordando aquella scena do *Travador* « corro a salvar-te », lancei-me para fora do quarto, e precipitei-me nas escadas, cujos do escalões a quatro e quatro atravessei como um foguete; aberti a porta, entrei no recinto do gallinheiro que não tinha cobertura alguma.

Palpitava-me o coração de um modo violento. Chegara tarde.

O gato ao despenhar-se caíra como uma avalanche no poleiro das gallinhas, paritubos e pondosos e cilas em uma revolução infernal, e ressaltando fóra coir a quatro passos de distancia exanime, gemente, moribundo.

Approximei-me cominovidissimo.

Ali estava elle, o gato do sr. Athanasio, tal vez o favorito, ouerora tão alegre, tão cheio de vida, e agora moribundo, soltanto fracas gemidos, com as pernas quebradas, acolumnavertebral partida e o cranio fracturado!

— Não durou cinco minutos, murmurei.

E effectivamente, passando aquelle prazo de tempo, o infeliz animal ergueu-se nas patas dianteiras, relanceou um olhar pelo gallinheiro como se procurasse ver pela ultima vez algum ente querido, e n'um arrouço violento saltou o ultimo suspiro envolto n'uma gotada de sangue.

Impressionou-me vivamente aquella scena, e por algum tempo fiquei extático e pensativo diante d'esse feio corpo, que vira a vida abandonado de uma maneira tão tragica e tão horrivel! Mas como as *grandes* dores não duram eternamente, dominei as minhas impressões e peguei no cadaver que arastei para a rua, onde o lancei, para que, ao outro dia, a mão caridosa da varredora municipal lhe desse conveniente sepultura.

E agora que já são passadas algumas dias que presenciei aquella tragica scena, agora que estas recordações vão correndo para a voragem do esquecimento com a velocidade assombrosa do tempo, recorda-me... tenho umas vagas reminiscencias, que ao arastar para fórodo gallinheiro aquillo cadaver, olhando para o telhado onde se travara a lucta, vi á beira d'elle, curvada, olhando para baixo, muito espantada, a minha gata Taraca, por causa de quem se travara aquelle combate.

Quaceria ver pela ultima vez aquelle, que por ella soffrera uma morte das mais terriveis?

Eis aqui um problema, que para a minha eterna curiosidade será sempre insolúvel!

A. Campos.

A LORD SALISBURY

(CAPITULO DO PIRATAS)

Lord Breato: Na cruzado seu calvario inglorio Estebruxava a Patnia, ao riso dos judeus. E um terrivel olhar no seu rosto marmoreo Palminava da cruz a baseira dos teus! Tu julgas insultar um moribundo exangue Coja tinnica d'ouro las herdar talvez... [que Mas a Patnia torcendo os seus membros em san Despregnouse da cruz para cuspir-te — Inglez!

Patnia: Se a infamia vil dos piratas ingleses, Raga immonda de cães, te qiz manchar de todo, Minha patnia, o chicote é quanto basta ás vezes Para afundar na sombra a matilha, de todo! Que o despeço lhe culpa a fronte sobranceira Exhas-de vel-a perdendo os arremessos vios, A Inglaterra sublime, a Inglaterra altaneira, Arastar-se a gamir para lamberte as mãos!

João Saraiva.

